

A IMPORTÂNCIA DOS PRIMEIROS MOMENTOS DA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: ALGUMAS QUESTÕES INICIAIS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA

LUCIANO JOSÉ VIANNA

Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina, Pernambuco, Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o prelúdio da formação de professores através da nossa experiência docente no componente “Prática I” no curso de licenciatura em História da Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, a partir da discussão dos estudos de diversos autores e autoras, principalmente de Duby (1993), Pimenta (1999, 2005), Bloch (2001), Silva (2015), Silva Júnior, Souza e Santos (2016), Cruz e Hobold (2018) e Freire (2003, 2021). Como conclusão, para favorecer a construção de uma visão discente atualizada, contemporânea e crítica da profissão, é necessário trabalhar nestes primeiros momentos questões como o lugar da pesquisa, a autonomia didática, as tecnologias digitais, as abordagens interdisciplinares e as demandas sociais urgentes a partir de uma formação inicial decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial Docente; História; Prática I; Prelúdio da Formação Docente.

INTRODUÇÃO

As disciplinas localizadas na parte inicial das grades curriculares dos cursos de licenciatura, além do seu aspecto propedêutico, apresentam também a responsabilidade de manter os primeiros contatos com os alunos que estão iniciando sua vida universitária, a qual quase sempre se distingue e muito da vida escolar. Dessa forma, compreendemos que tais disciplinas iniciadoras devem ser responsáveis por apresentar, através de um constante diálogo, a complexidade da realidade da formação docente em História no país, principalmente porque é um contexto inicial de contato com a formação profissional. Além disso, devemos ressaltar que tais disciplinas serão as primeiras experiências intelectuais no contexto acadêmico e, por isso, devem manter um constante diálogo com os alunos, neste caso, um diálogo profissional, o qual pode ser fundamentado nas palavras de Paulo Freire: “O diálogo é um momento em que os humanos se encontram para refletir sobre a sua realidade tal como a fazem e a refazem (Freire, 2003, p.74).

Outro aspecto importante para se trabalhar em disciplinas introdutórias de grades curriculares de formação de professores é a abordagem de características específicas do campo de formação. Em termos de disciplinas introdutórias para os docentes em formação, é importante destacar primordialmente características da profissão que devem estar presentes durante o processo de formação, principalmente no sentido de tornar a formação um processo específico e identitário do profissional.

Na preparação do plano de ensino de uma disciplina localizada no primeiro período de um curso de licenciatura o docente precisa considerar que os alunos

acabaram de entrar no contexto universitário e, portanto, precisam passar um processo de adaptação inicial no sentido de familiarizá-los com os temas históricos, o cenário historiográfico, as desconstruções necessárias ao prelúdio da formação inicial, as funções de uma universidade no contexto social e, principalmente, as especificidades do fazer histórico no mundo acadêmico, de forma a fazer com que este futuro profissional volte o seu olhar cada vez mais para a especificidade do âmbito da formação de professores.

Além disso, deve destacar também as mudanças realizadas/adaptadas na sua práxis pedagógica, sempre repensando-a e refazendo-a através de um olhar e pensamento críticos. Sempre estar em processo de atualização na área de formação é outro conselho que apresentamos em nossas aulas, destacando exemplos próximos para que os futuros professores possam também considerar este aspecto em suas vidas profissionais como docentes em História.

As reflexões apresentadas neste artigo referem-se à nossa experiência de sala de aula ministrando a disciplina intitulada Prática I no semestre 2019/2, em um contexto presencial, no curso de licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE) / *campus* Petrolina. Este exercício de escrita também serve para reformular nossa práxis pedagógica em sala de aula, uma vez que “o saber docente é plural e amalgamado, abarcando saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais”(Cruz; Hobold, 2018, p. 238), sempre realizando um exercício de releitura desta prática e contribuindo para uma modificação da ação pedagógica (Santos, 2012, p. 22). Isso faz com que nos apresentemos como um profissional reflexivo, como um “pesquisador-na-ação”, aspecto destacado por Lucíola Santos (2012, p. 27) e, portanto, assumimos nossa postura de reflexão sobre a nossa prática docente buscando sempre a melhoria da formação docente em História e conseqüentemente a formação de professores (Pimenta, 2005,p.09-22), com o intuito de formar profissionais de destaque para o contexto da Educação Básica.

Para a realização deste artigo, utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica. Segundo Freitas e Prodanov (2013, p. 54), a pesquisa bibliográfica está voltada para o contato com materiais já publicados sobre o assunto estudado, neste caso, a formação docente em História. Além disso, também abordamos os textos dos autores que trabalhamos especificamente na disciplina Prática I. Neste sentido, esta abordagem serviu para problematizarmos os textos de diversos autores e autoras que apresentam aspectos teóricos e temáticos em relação à formação docente.

O PRELÚDIO DA FORMAÇÃO INICIAL EM HISTÓRIA: ALGUMAS QUESTÕES GERAIS

Inicialmente, podemos afirmar que, para os discentes, além do fato de ser um momento de intensas novidades e de entrada na universidade, pode ser um momento de “choque” entre a realidade do mundo escolar – da qual estão saindo – e o âmbito acadêmico, precisamente em relação a comportamentos profissionais que serão cruciais para o bom desenvolvimento da formação docente. Por exemplo, aspectos voltados para a leitura e a importância da mesma no mundo profissional contemporâneo, a manutenção de uma certa constância leitora durante o curso de formação inicial e o

confronto com formas contemporâneas e momentâneas de aproximação com a informação, com os atuais vídeos curtos em plataformas online. Outra questão é o confronto de ideias sobre determinado tema, o acostumar-se com o fato de que existem diversas opiniões, fundamentadas teórica e metodologicamente, sobre um determinado tema. Em termos técnicos, acostumar-se com as citações de diversos autores e autoras, alguns considerados cânones em determinado assunto, outros mais recentes e que podem ter revolucionado certa interpretação histórica. Inclui-se também neste aspecto as considerações sobre as perspectivas metodológicas, as quais, devido à diversidade de fontes históricas que podem ser utilizadas na pesquisa podem ser as mais variadas possíveis, sempre adaptando-se ao objeto analisado. Outra ideia refere-se à própria essência da historiografia, especificamente do seu desenvolvimento historiográfico, ou seja, formas de interpretação e de escrita da história que foram surgindo no decorrer dos séculos, assim como entender de que forma a História foi sendo compreendida nos últimos séculos ou como determinado período foi sendo entendido em um determinado recorte temporal (Bourdé; Martin, 2004). Além disso, o entendimento sobre os aspectos da historicidade, ou seja, entender que um determinado assunto, pesquisa, etc... precisa ser contextualizado para que possa ser pesquisado (Bloch, 2001, p. 60). Fora o fato de não podermos desconsiderar as questões tecnológicas digitais, as quais proporcionaram diversas mudanças nos anos pandêmicos na formação docente e no ensino. Estes são alguns dos aspectos que podemos elencar no começo desta reflexão que foram comentados em sala de aula na disciplina em questão e que servem para compreendermos algumas situações pelas quais os futuros professores de História passam no prelúdio de sua formação.

Por outro lado, devemos também observar que tais comportamentos retratam o que muitas vezes falamos em termos de relações entre o mundo universitário e o contexto escolar, ou seja, um distanciamento que acaba refletindo-se na construção do conhecimento dos universitários iniciantes. Por este motivo, em outras disciplinas que ministramos no curso, especificamente para alunos de terceiro e quarto períodos, trabalhamos com a ideia de que o professor de História deve estar atento não somente aos aspectos de pesquisa, aos temas estudados em sala de aula, mas também preocupar-se em saber como poderá ensinar estes temas em sala de aula, muitas vezes adaptando-se ao cenário dos discentes. Portanto, em nossa concepção docente, formação inicial docente e ensino de História são contextos que deveriam manter um diálogo mais constante e profícuo, pois auxiliaria os futuros professores em sua formação inicial. Trabalhar com os discentes este aspecto durante a sua formação inicial é crucial para fomentar um pensamento de contato, proximidade, simbiose entre a academia e a escola.

A desconstrução de ideias e conhecimentos advindos do contexto escolar também é outro sinal desta falta de contato e interação entre escola e universidade. É certo que em termos metodológicos e conteudistas, as formas de se trabalhar a História são diferentes no mundo acadêmico e no âmbito escolar (Silva Júnior; Sousa; Santos, 2016, p. 254). E o mais importante deste processo é alertar ao futuro professor sobre a necessidade de se observar este contato, este diálogo, entre tais âmbitos. Por exemplo, a utilização de livros didáticos como objetos de análise em sala de aula serviria não somente para o futuro docente compreender a importância deste material, mas também

a saber utilizá-lo de forma crítica, sabendo, a partir da sua formação inicial, as qualidades, as potencialidades, os defeitos e as fragilidades deste material.

Por fim, os docentes em formação neste contato inicial também passam a saber o que é uma universidade, sua função, sua importância social, seu lugar na sociedade, principalmente em relação às ciências humanas, um momento no qual é divulgado que as disciplinas desta área não apresentam um retorno imediato para a sociedade, destinando investimentos, portanto, em outras áreas do conhecimento (Schütz; Fuchs; Costa, 2020, p. 4). Tais aspectos apontam para uma existência de projetos em disputa em relação à formação de professores (Silva; Cruz, 2021, p. 102-103) e algumas pesquisas voltadas para a percepção de alunos do ensino médio sobre o contexto universitário destacam a existência de uma distância significativa “entre o contido nas diretrizes da LDB (EM e ES), da BNCC (EM) e dos demais documentos que regem o ES *versus* a realidade dos fatos vigentes no dia a dia e que assolam nossos jovens”¹ (Junior Zampar; Andrade; Aparício, 2021, p. 20). Neste mesmo caminho formativo inicial, os discentes em formação começam a ter contato com os problemas educacionais no Brasil, principalmente aqueles que se vinculam de forma próxima ao exercício da docência.

A DISCIPLINA PRÁTICA I

De acordo com o PPP do curso aprovado em 2013, a disciplina Prática I é ministrada no primeiro período do curso, em um momento no qual os alunos acabam de entrar na universidade. A carga horária é de 45 horas e sua natureza é obrigatória. Os conteúdos temáticos estão voltados para aspectos básicos sobre o prelúdio da formação docente, aspectos estes que deverão estar sempre presentes na trajetória do docente em formação. Seu ementário consiste nos seguintes conteúdos: “Abordagem reflexiva das mudanças de pensamento nos diversos contextos da sociedade” (Projeto Político Pedagógico do curso de História, 2003, p. 42). Como objetivos, a disciplina apresenta: Objetivo geral: Analisar a mudança de pensamento nos contextos sociais, evidenciando o papel da história e do historiador; e objetivos específicos: refletir sobre o ofício do historiador e seu papel na sociedade; analisar o método de construção do pensamento histórico, investigando os principais conceitos e suas mudanças ao longo do tempo; problematizar a produção histórica no país e as correntes historiográficas (Ementa da disciplina Prática I, 2003). Por fim, como conteúdos abordados, um cenário mais flexível sobre as escolhas docentes para a disciplina, trabalhamos com o lugar da pesquisa na formação docente, o comportamento profissional em termos de autonomia didática, as tecnologias digitais, a necessidade de abordagens interdisciplinares a partir de fontes documentais e as demandas sociais urgentes a partir de uma formação inicial decolonial, com base nos textos de Marc Bloch (2001, p. 51-68; p. 69-87), Peter Burke (1992, 7-38), Renán Silva (2015, p. 19-32; p. 75-93; p. 105-113), José d’Assunção Barros (2010, p. 71-115), José Carlos Reis (1996, p. 64-92) e Georges Duby (1993, p. 7-69).

A primeira parte da disciplina esteve voltada para a discussão sobre aspectos básicos e introdutórios da formação profissional em História, as formas de escrita da História nas últimas décadas e a delimitação específica do profissional em História, delineando uma identidade específica do profissional. As aulas neste momento foram

expositivas com a participação dos alunos feita com base na leitura prévia dos textos escolhidos. Neste sentido, os temas abordados nesta primeira parte do programa direcionaram-se, portanto, para a criação de uma identidade contextual específica, a qual, por questões de carga horária, estavam limitadas a alguns aspectos. Entretanto, mesmo durante as aulas com os textos escolhidos fizemos referências a outros autores e autoras de forma complementar este primeiro momento de formação. A segunda parte da disciplina pode ser entendida como temática e esteve voltada para os seguintes temas: fontes históricas (Barros, 2010, p. 71-115); a Nova História (Reis, 1996, p. 64-92); história e ficção (Silva, 2015, p. 19-32); história e linguagem (Silva, 2015, p. 75-93) e a escrita da História (Duby, 1993, p. 16-69), temas estes que foram apresentados no formato de seminários promovendo o debate entre os discentes.

É necessário tecer alguns comentários sobre o parágrafo anterior. Em primeiro lugar, por ser uma disciplina de 45 horas, os temas trabalhados apresentavam uma perspectiva limitada em termos de tempo, o que é complementado pelas abordagens realizadas nas outras disciplinas concomitantes ao primeiro período. Assim, esta disciplina tem uma característica de ser complementar juntamente com as demais disciplinas, o que condiz com o PPP do curso referente a mesma.

Em segundo lugar, ressaltamos os aspectos da primeira parte da disciplina, ou seja, aspectos básicos e necessários à formação do professor de história, como, por exemplo, compreender as formas de escrita da História na atualidade e a delimitação específica do profissional de História. Tais questões servem para desconstruir ideias equivocadas sobre o âmbito histórico, precisamente aquelas advindas de um cenário de educação básica, fazendo, portanto, com que os futuros docentes pudessem amadurecer a sua visão da vivência da formação de professores desde o prelúdio deste cenário formativo e observar as posturas adequadas para a sua trajetória formativa acadêmica.

Em terceiro lugar, o ato das realizações dos seminários fez com que os discentes tivessem a prática da apresentação oral como um exercício constante durante o processo formativo. Entretanto, destacamos aqui não o aspecto da forma, mas sim do conteúdo a ser apresentado neste momento da formação inicial. Assim, temas como o trabalho com fontes históricas, a Nova História, a discussão história e ficção, a linguagem e a escrita da história foram temas centrais nesta introdução da formação inicial. Destaca-se aqui o intenso diálogo realizado com a perspectiva historiográfica durante as aulas, a qual deve estar presente na formação docente para que o licenciando possa apresentar um reflexo, futuramente, no cenário da educação básica, como podemos ver no fragmento abaixo destacado (Silva Júnior; Sousa; Santos, 2016, p. 254).

Sendo assim, estes são alguns aspectos que resgatamos da disciplina Prática I para direcionar a nossa escrita pensando no limiar da formação de professores a partir da nossa prática de sala de aula neste componente curricular. A partir de uma postura de professor reflexivo, resgatando a proposta de Lucíola Santos (2012, p. 27), podemos então refletir sobre a nossa experiência em sala focando no limiar da formação docente, a qual identificamos como um momento específico e crucial na formação de professores.

Constantemente observamos em termos de licenciaturas diversos movimentos contrários à continuidade dos cursos, tais como, por exemplo, a eliminação de disciplinas das ciências humanas de currículos escolares, a falta de políticas públicas de

valorização de professores, a falta de atração profissional para com os cursos de licenciaturas, o que acaba tendo como consequência a falta de procura pelos cursos, assim como a evasão nos primeiros semestres dos cursos de licenciatura, entre outros aspectos que podem ser vinculados aos primeiros anos das formações. Neste caso, em termos internos ao curso, promover uma formação transitória e adaptada aos alunos para que se adequem a uma nova realidade formativa profissional é de suma importância para o êxito, a continuidade e a manutenção dos discentes nos cursos de licenciatura.

O QUE É O OFÍCIO DO PROFESSOR-HISTORIADOR? DELIMITANDO A FORMA DE AÇÃO NO COMEÇO DA FORMAÇÃO INICIAL

Passamos a apresentar algumas reflexões direcionadas especificamente para a disciplina Prática I e que foram trabalhadas durante nossa práxis de sala de aula na formação docente. Neste sentido, alguns temas são necessários de serem trabalhados neste momento da formação docente, principalmente no sentido de delimitar o campo de ação do historiador, para que os docentes em formação possam observar as especificidades do fazer docente e do ofício do professor-historiador. Assim, uma série de conselhos metodológicos são apresentados por diversos autores, dos quais selecionamos três para resgatar e apresentar suas ideias aplicadas a este momento da formação docente: Marc Bloch, Georges Duby e Renán Silva, autores que trabalham no componente curricular Prática I no semestre 2019/2.

No início da formação de professores é necessário sensibilizar os futuros docentes para que, embora o curso apresente em termos de conteúdo um contato com um passado distante, como o antigo ou o medieval, é necessário que haja uma reflexão crítica aos acontecimentos do presente. Isso implica em questões de legitimidade e reconhecimento social da profissão e que são importantes para respaldar a existência social deste personagem professor de História na sociedade. Como afirmou Marc Bloch em um livro imprescindível para todo estudante de História, aquele que não observa o mundo ao seu redor, “nem os homens, nem as coisas, nem os acontecimentos”, age “sensatamente renunciando ao título de historiador” (2001, p. 66). Passado e presente e suas relações muitas vezes intrínsecas são aspectos importantes (Bloch, 2001, p. 60), portanto, de serem ressaltados no prelúdio da formação inicial do professor de História.

Neste sentido, o ato de sensibilizar o futuro professor de História para questões importantes e necessárias que ocorrem no seu presente é fazer com que o mesmo se contextualize cotidianamente em seu futuro ofício. Pensar questões do presente a partir de uma discussão e problematização do passado é crucial para que o público discente em formação tenha consciência da importância de uma formação de consciência histórica crítica, observando problemas contemporâneos que se destacam desde um cenário pretérito. Por exemplo, os altos índices de violência contra a mulher em nossa sociedade e o fato deste personagem histórico ter sido silenciado por séculos em termos de construção historiográfica e escrita da História e como que este silenciamento também se reflete no cenário dos livros didáticos de História é um exemplo de como questões de problemas sociais contemporâneos podem ser trabalhados no sentido de

se observar historicamente como foram problematizados no decorrer dos séculos. Portanto, pensar questões do presente, do cotidiano, da vivência social do professor em formação são atitudes necessárias para a formação docente em História, principalmente porque tais posturas se vinculam fortemente a possibilidades voltadas para a História Pública e a História Local.

Outro autor que trabalhamos nesta disciplina em termos de formação profissional foi Georges Duby, precisamente o seu texto *A história continua*, texto no qual o autor apresenta suas experiências formativas realizadas em sua trajetória acadêmica. Neste caso, o autor destaca como perspectivas a serem abordadas o trato com a documentação, a preocupação com a análise, a dinâmica das interpretações apresentadas pelo autor, a perspectiva interdisciplinar para estabelecer um diálogo com as disciplinas vizinhas e a preocupação com o estilo da escrita (Duby, 1993, p. 9-15). Entretanto, para efeitos de compreensão do fato em questão e da importância da utilização das palavras de Duby para a formação inicial de professores, é necessário destacar que a construção histórica é uma aproximação por parte do historiador (Duby, 1993, p. 61).

Duby apresenta um aspecto específico que deve ser considerado na formação de professores, ou seja, que a pesquisa histórica se trata de uma aproximação. Considerando que o público de um primeiro período de um curso de História é originário de um cenário da educação básica, muitas vezes o mesmo apresenta a ideia de que o cenário histórico é único, muitas vezes apresentado como uma “verdade”. Apresentar a pesquisa acadêmica para este futuro docente, destacando para o mesmo que o processo de escrita da História é uma aproximação, e que para um mesmo cenário histórico poderá existir distintas interpretações, facilita o entendimento de como o contexto da investigação ocorre no mundo acadêmico.

É necessário destacar também que esta postura da pesquisa científica se reflete na forma em como o futuro docente se comportará no contexto do ensino de História, uma vez que as facetas professor-historiador não devem ser consideradas separadas (Lüdke, 2006, p. 27-54), pois é através da junção destas duas perspectivas que o ensino de História na educação básica deve ser realizado, considerando, por exemplo, na formação inicial, todas as atualizações proporcionadas pelos professores dos componentes curriculares, que levam para a sala de aula da formação docente suas pesquisas atualizadas; considerando sempre novas pesquisas publicadas sobre determinados assuntos; considerando, por fim, novas propostas metodológicas de ensino de História no cenário da educação básica. Portanto, a faceta do historiador sempre deve andar lado a lado com a faceta do professor no processo de formação inicial docente, e isso deve ser destacado de forma a sensibilizar os alunos em seu processo de formação profissional.

Por fim, a última referência que utilizamos nesta disciplina foi o historiador Renán Silva, o qual destaca a análise histórica como prática de um ofício que necessita alguns cenários formativos, como, por exemplo, a legitimidade (formação acadêmica), a especificidade (o conhecimento e domínio de métodos específicos) e a necessidade contemporânea. Neste sentido, a prática da História é um ofício exclusivo de quem se dedica ao mesmo a partir de um processo de formação inicial (Silva, 2015, p. 105-106).

A formação inicial propicia ao discente em formação a atuação na prática da pesquisa (através de disciplinas e experiências formativas) e na sala de aula (também

através de disciplinas) e, portanto, trata-se de um campo de formação específico que propicia a criação de uma identidade perante os pares. Porém, também é necessário se fazer conhecer e, principalmente, reconhecer, pela sociedade, principalmente em um contexto no qual a universidade e os cursos de ciências humanas são alvo de críticas (Schütz; Fuchs; Costa, 2020, p. 4). Este contato social serve como respaldo para a existência da universidade e também da profissão de historiador, de modo que, se trata de uma questão de sobrevivência (Silva, 2015, p. 110-111).

Fazer-se presente na sociedade é, portanto, uma necessidade voltada para a sobrevivência da nossa profissão, e este aspecto é necessário ser trabalhado logo no começo da formação de professores, de forma a sensibilizar os futuros docentes sobre a importância social da profissão e sua necessidade de sobrevivência frente ao panorama que se apresentava desfavorável em termos de curso de licenciatura no país (Schütz; Fuchs; Costa, 2020, p. 4). Neste sentido, tais questões sendo trabalhadas no prelúdio da formação docente servem para sensibilizar os futuros professores a observar de forma crítica o seu espaço de atuação como um campo de lutas constantes em termos sociais.

QUESTÕES NECESSÁRIAS PARA O PRELÚDIO DA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM HISTÓRIA

Dentro da perspectiva da formação inicial docente na disciplina Prática I, destacamos algumas ideias que trabalhamos no decorrer deste componente curricular. Em relação a este componente curricular, comentamos anteriormente que se trata de um cenário de 45 horas nas quais temos um encontro semanal, e isso dificulta e muito o trabalho com uma diversidade temática no momento da formação. Entretanto, durante as aulas conseguimos trabalhar com algumas temáticas, as quais consideramos necessárias para o prelúdio da formação inicial do professor de História e que comentamos abaixo.

O lugar da pesquisa na profissão. A primeira delas é a ideia do professor pesquisador, aspecto trabalhado por diversos autores (Fagundes, 2016, p. 281-298; Pimenta, 2005, p. 09-22). Associar a prática da pesquisa à formação desde o início do curso associada à prática e à reflexão sobre o ensino, deixa claro também a importância de se considerar a dimensão pesquisa no momento inicial da formação, fomentando-a durante todo o processo formativo, por exemplo, com as possibilidades de realizar iniciação científica, PIBID e Residência Pedagógica. Tal postura faz com que este professor em formação no prelúdio de sua formação inicial adquira a consciência da necessidade de sempre se atualizar em termos acadêmicos e que esta atualização se refletirá, futuramente, no contexto do espaço escolar quando estiver atuando no ensino de História.

Neste caso, o contexto da pesquisa trata-se de um cenário intrínseco à formação inicial e, portanto, precisa ser apresentado e fomentado entre os estudantes logo no momento de contato inicial com o mundo acadêmico. Tal aspecto, por exemplo, fica ressaltado na formação inicial a partir do cenário de constante e necessária atualização profissional mesmo após a formação inicial, despertando no licenciando uma consciência de que sua prática de aprendizagem em termos profissionais não se esgota

uma vez finalizado o curso de licenciatura. Além disso, devemos destacar também para o professor em formação as possibilidades de pesquisa durante a própria formação inicial, como destaca Menga Lüdke (2017, p. 116).

O comportamento profissional: a construção da autonomia didática. Falar de comportamento profissional implica falarmos de aspectos éticos relacionados à vida acadêmica, através dos quais o docente em formação inicial poderá exercer com base e argumentos as suas práticas como professores. Uma dessas perspectivas é o destaque para a sensibilidade da necessidade de autonomia didática em seu trabalho, conforme aponta Azzi (2012, p. 40).

A autonomia didática também é um cenário temático ressaltado nos primeiros momentos desta formação, principalmente para que os futuros docentes tenham em mente a necessidade de buscarem propostas e alternativas didáticas para atuarem no ensino de História, uma vez que irá se deparar com um cenário diverso em termos de características de turmas, desafios cotidianos no cenário escolar, podendo, portanto, adaptar-se a diferentes contextos escolares, o que será facilitado pela presença de sua autonomia didática (Pimenta, 1999, p. 19).

O lugar das tecnologias digitais na formação inicial docente. Um dos aspectos centrais que devem ser discutidos e problematizados na formação docente refere-se justamente ao contexto das tecnologias digitais, as quais hoje fazem parte do cenário cotidiano discente na educação básica. Adaptar-se a este cenário, portanto, é considerar adaptar-se durante a formação inicial em História ao cenário comunicacional dos alunos na educação básica, uma vez que estes apresentam um constante contato em seu cotidiano com questões tecnológicas (Guimarães, 2012, p. 113). Este aspecto, por exemplo, necessita ser ressaltado na formação inicial em História, uma vez que pode ser um caminho contrastante a uma forma de ensino de História tradicional que muitas vezes ainda persiste em existir e faz com que o interesse dos discentes da educação básica pela disciplina seja baixo. Por isso a importância do ato de “professorar”, conforme destacado por Selma Garrido Pimenta (1999, p. 18).

De todas as formas, devemos destacar que a utilização do recurso tecnológico por si só não apresenta nada de inovador, principalmente quando estes recursos são agregados ao formato do ensino tradicional (Marcon, 2020, p. 99). Saber problematizar a utilização destes recursos adaptados aos cenários temáticos e curriculares torna-se imprescindível para a formação inicial docente na atualidade.

Neste sentido, criar a consciência sobre as potencialidades das questões tecnológicas no ensino de História é fundamental não somente para a realização de uma formação inicial consciente com as questões atuais em termos de comunicação e linguagem, mas também para proporcionar para o docente em formação quando estiver atuando em sala de aula uma forma de se aproximar com o cenário linguístico dos alunos da educação básica que já vivem em um cenário tecnológico considerável, principalmente através do uso de *smartphones* (Silva, 2021, p. 95-120).

A formação interdisciplinar: a abertura do olhar sobre as possibilidades de ensino. Nos anos sessenta do século passado, Hilton Japiassú (1976) e Ivani Fazenda (2012) iniciavam suas discussões sobre a interdisciplinaridade no Brasil a partir da questão epistemológica e do chão da escola, respectivamente. Hoje, decorridos mais de sessenta anos, é possível afirmar que o contexto da formação docente em História apresenta um cenário mais interdisciplinar que em um contexto de décadas anteriores.

Neste sentido, é necessário no início da formação docente ressaltar este aspecto presente no contexto atual das licenciaturas, principalmente destacando que se trata de uma presença intrínseca neste cenário formativo. De acordo com José d'Assunção Barros, o campo histórico “já nasceu enredado por diversas interdisciplinaridades, e talvez seja este o campo de práticas e saberes que apresenta o maior potencial interdisciplinar” (Barros, 2019, p. 105).

Devido a estas perspectivas particulares, podemos destacar o contato do cenário disciplinar histórico com outros contextos disciplinares, apresentando sua potencialidade para abordagens entre disciplinas. É necessário destacar também que até mesmo a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com todas as críticas que já foram realizadas a este documento, apresenta possibilidades de abordagens interdisciplinares no ensino de História, o que demanda uma abordagem mais focada nesta perspectiva no contexto da formação inicial em História (Brasil, 2018, p. 398).

Observamos, portanto, que a possibilidade apresentada pela BNCC na abordagem de utilização de diferentes fontes e tipos de documento no ensino de História indica a sua preocupação com uma abordagem interdisciplinar. Dessa forma, esta preparação para o ensino de História deve se iniciar a partir do processo formativo inicial em História. É necessário apresentar este destaque interdisciplinar, uma vez que a formação no contexto escolar básico, uma formação cidadã em um cenário escolar, deve atentar-se para a formação holística do sujeito, como é apresentado por Edgar Morin, ao comentar que a condição humana deveria ser o objeto de todo ensino. A própria definição de condição humana apresentada por Morin já indica a presença intrínseca de um cenário interdisciplinar em sua constituição, ou seja, “O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico (Morin, 2000, p. 15).

As demandas sociais urgentes: por uma formação inicial decolonial. Falar de ensino de História é falar de formação docente, pois são dois espaços que, embora presentes fisicamente em cenários distintos, necessitam estabelecer um diálogo constante para um efetivo e significativo êxito de ambos. As reflexões de Elza Nadai sobre o ensino de História no começo da década de noventa do século passado nos fazem pensar sobre os problemas do ensino de História na atualidade, uma vez que, mesmo passados trinta anos, podemos nos aproximar um pouco ao nosso cenário contemporâneo, pois muitos problemas apontados pela autora continuam os mesmos (Nadai, 92-93, p. 144).

Duas perspectivas apresentadas por Nadai ainda permanecem no cenário educacional atual: as múltiplas e diferenciadas demandas sociais e incapacidade da instituição escolar em atendê-las ou em responder as mesmas (Nadai, 1992/1993, p. 144). Dois cenários que podemos afirmar que ainda hoje se mantêm em alguns aspectos. Entretanto, refletindo sobre o cenário formativo docente atual, poderíamos incluir nas palavras de Nadai a perspectiva da formação docente no contexto universitário, a qual também pode não estar em sintonia com as demandas sociais atuais, as quais preferimos denominar como demandas sociais urgentes, haja vista que se vinculam diretamente à perspectiva do ensino de História, tais como, o cenário dos povos originários, o contexto da história e cultura africana, as diversidades sociais e o

contexto histórico feminino, de forma que o ensino escolar necessita preparar os discentes para o contexto da sociedade, ou seja, para o exercício da cidadania.

Portanto, voltar o foco da formação inicial para as demandas sociais urgentes da nossa sociedade é trabalhar de forma a construir um pensamento direcionado para o fortalecimento da cidadania, aspecto que pode se refletir em termos de ensino na educação básica. Por exemplo, trabalhar questões voltadas para a evidência de tipos de violência atuais faz com que sejam problematizadas questões contemporâneas refletindo sobre o que se entende como exercício da cidadania (Moraes; Freitas; Barata; Freitas, 2021, p. 10), incidindo, por exemplo, na violência contra a mulher “um cenário sombrio da atual sociedade” (Moraes; Freitas; Barata; Freitas, 2021, p. 14). Entretanto, um impedimento para a realização deste tipo de formação é a perspectiva cartesiana que ainda impera no contexto universitário, com suas disciplinas divididas e muitas vezes sem nenhum contato umas com as outras, refletindo, portanto, em uma fragmentação do conhecimento na formação de professores. Neste sentido, devemos recuperar a proposta de Goodson sobre a contextualização do currículo, quando afirma que “É preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade. (Goodson, 1998, p. 10), ou seja, observar a relação direta entre currículo e sociedade.

De acordo com Pedro Jônatas Chaves:

Dizer que as práticas educativas são as ações conscientes e inconscientes das pessoas mais experientes sobre as menos experientes significa que, a menos que esteja em completo isolamento social, cada indivíduo é formado a partir de um modelo ideal. Esta formação pode assumir a *proposta de uma forma que controla, treina, molda e reproduz em massa*, responsável por gerar uma educação desumanizadora (...), bem como assumir, em uma linguagem freireana, a *proposta de uma educação problematizadora e engajada numa prática transformadora* (...). A diferença entre as duas propostas aqui apresentadas é que enquanto a primeira busca a *manutenção* da sociedade, a segunda almeja sua *transformação*. (Chaves, 2021, p. 17-18). (grifo nosso).

Neste sentido, uma possibilidade seria voltar o olhar para o caminho interdisciplinar na formação docente, através do qual poder-se-ia formar um profissional com uma visão ampla e complexa, observando os problemas e as demandas sociais urgentes na atualidade (Costa; Leal, 2016), o que poderia influenciar na própria educação básica com práticas interdisciplinares no contexto escolar, considerando este espaço como um local de formação escolar cidadã. Falar, portanto, de perspectivas de demandas sociais urgentes e problematizar questões curriculares é pensar a formação inicial docente em História em termos decoloniais, ou seja: “Ao decolonizar-se o olhar sobre o outro [se ressalta], valorizando-se outros conhecimentos e modos de produzi-los, colocando em xeque as hierarquias raciais, de gênero, crença, sexualidade, etc...” (Pavan; Tedeschi, 2021, p.255).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, inicialmente comentamos sobre algumas questões gerais sobre o início da formação de professores de História, contexto no qual ocorrem muitas novidades, a compreensão de como se realiza um trabalho acadêmico e a importância e necessidade da universidade no contexto social atual. Neste caso, esta parte do artigo serviu para delinear de uma forma mais aproximada todo o cenário que os alunos se deparam em um prelúdio na formação inicial docente em História na universidade.

Posteriormente apresentamos a disciplina Prática I e suas características dentro do curso de licenciatura em História, principalmente que se trata de um componente curricular que está localizado no primeiro período do curso, recebendo, portanto, alunos, em grande parte, de um momento de transição do cenário escolar para o contexto universitário. As características da disciplina, em termos de tempo na grade curricular e do ementário, destacam a sua importância em termos de estratégia para estar localizada no primeiro período.

Depois disso, voltamos para a reflexão sobre a profissão de professor-historiador no contexto atual, reunindo a perspectiva destas duas facetas que não podem ser observadas de forma separada, principalmente considerando uma longa discussão bibliográfica sobre o tema que já se apresenta há anos no cenário bibliográfico. Em destaque, ressaltamos as falas de Marc Bloch, Georges Duby e Renán Silva, os quais, respectivamente, destacaram em suas reflexões sobre o ofício de historiador o olhar para o presente, a aproximação que se realiza em termos de pesquisa histórica e as especificidades do ofício. Neste momento, delimitamos melhor e de forma mais aproximada o que significa o termo professor-historiador no cenário brasileiro, apresentando-o de forma mais clara para os alunos da disciplina.

Por fim, trabalhamos de forma específica sobre as questões necessárias para serem discutidas no prelúdio da formação docente em História através da disciplina Prática I, na qual destacamos cinco aspectos principais que devem estar presentes nesta formação: o lugar da pesquisa na profissão; o comportamento profissional e a construção da autonomia didática; o lugar das tecnologias digitais; a preocupação com uma formação interdisciplinar visando distintas possibilidades de ensino e a consideração sobre as demandas sociais urgentes com vistas a trilhar um caminho de formação inicial decolonial.

É necessário destacar que a abordagem aqui apresentada pode ser complementada a partir de outras dimensões, como, por exemplo, a percepção discente no primeiro semestre dos cursos de licenciatura em História, proporcionando uma abordagem mais holística e avançando no tema proposto no presente artigo.

Artigo recebido em: 15/06/2025

Aprovado para publicação em: 05/08/2025

VIANNA, L. J.

THE IMPORTANCE OF THE FIRST MOMENTS TO INITIAL TEACHER FORMATION:
SOME INITIAL QUESTIONS ABOUT TEACHER TRAINING OF HISTORY

ABSTRACT: The objective of this article is to present a reflection on the prelude to teacher training through our teaching experience in the "Practice I" component at the History graduate course of the Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina. The methodology used is bibliographic research, based on the discussion of studies by several authors, mainly Duby (1993), Pimenta (1999, 2005), Bloch (2001), Silva (2015), Silva Júnior, Sousa and Santos (2016), Cruz and Hobold (2018) and Freire (2003, 2021). As a conclusion, in order to support the construction of an updated, contemporary, and critical student vision of the profession, it is necessary to work in these first moments on issues such as the place of research, didactic autonomy, digital technologies, interdisciplinary approaches, and urgent social demands based on an initial decolonial training.

KEYWORDS: Initial Teacher Formation; History; Practice I; Prelude to Teacher Training.

LA IMPORTANCIA DE LOS PRIMEROS MOMENTOS DE LA FORMACIÓN INICIAL DOCENTE:
ALGUNAS CUESTIONES INICIALES SOBRE LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE HISTORIA

RESUMEN: El objetivo de este artículo es presentar una reflexión sobre el inicio de la formación de profesores a través de la nuestra experiencia docente en la asignatura "Práctica 1" en el curso de licenciatura en Historia de la Universidade de Pernambuco/*campus* Petrolina. La metodología utilizada es la pesquisa bibliográfica, a partir de los estudios de diversos autores y autoras: Duby (1993), Pimenta (1999, 2005), Bloch (2001), Silva (2015), Silva Júnior, Souza e Santos (2016), Cruz e Hobold (2018) e Freire (2003, 2021). Como conclusión, para facilitar la construcción de una visión discente actualizada, contemporánea y crítica de la profesión, es necesario trabajar en estos primeros momentos cuestiones como el lugar de la investigación, la autonomía didáctica, las tecnologías digitales, las interpretaciones interdisciplinarias y las demandas sociales urgentes a partir de una formación inicial decolonial.

PALABRAS-CLAVE: Formación Inicial Discente. Historia. Práctica 1. Preludio de la Formación Docente.

NOTA

1-Em relação às siglas apresentadas: LDB (Lei de Diretrizes e Bases), EM (Ensino Médio), ES (Ensino Superior) e BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

REFERÊNCIAS

Documentos

Ementa da disciplina Prática I. In: **Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de História**. Universidade de Pernambuco. Departamento de Geografia e História. Recife, 2003.

Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de História. Universidade de Pernambuco. Departamento de Geografia e História. Recife, 2003.

Bibliografia

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org). **Saberes Pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2012, p. 39-69.

BARROS, J. d'A. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber.** Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BARROS, J. d'A. Fontes históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos. **Albuquerque:** revista de História, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 71-115, jan./jun. 2010.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **Las escuelas históricas.** Madrid: Ediciones Akal, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da História.** Novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 7-38.
CHAVES, Pedro Jônatas. **Didática, decolonialidade e epistemologias do Sul.** Uma proposta insurgente contra a neoliberalização do ensino escolar e universitário. Curitiba: CRV, 2021.

COSTA, M. M. M. da; LEAL, M. C. H. (Orgs.). **Políticas Públicas e demandas sociais: diálogos contemporâneos.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

CRUZ, G. B. da; HOBOLD, M. Prática formativas de professores de cursos de licenciatura: diferentes estratégias para ensinar. In: ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas inovadoras na formação de professores.** Campinas: Papirus, 2018, p. 237-262.

DUBY, G. **A história continua.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 7-69.

FAGUNDES, T. B. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 281-298, 2016. Disponível em:

VIANNA, L. J.

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/RmXYydFLRBqmvYtK5vNGVCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2023.

FAZENDA, I. **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, E. C. de; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GOODSON, I. F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Ed. 1998.

GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papirus, 2012.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

JUNIOR, R. Z.; ANDRADE, M. de F. R.; APARÍCIO, A. S. M. Os alunos do ensino médio e a universidade: quais as suas expectativas? **Revista Atos de Pesquisa em Educação** / Blumenau, v.16, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8684>. Acesso em: 14 nov. 2023.

LÜDKE, M. A complexa relação entre o professor e a pesquisa. In: ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006, p. 27-54.

MARCON, K. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos procurando e para quem? **Criar educação**. Criciúma, v. 9, n. 2, p. 80-103, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6047>. Acesso em 22 ago. 2023.

MORAES, I. M.; FREITAS, N. M. da S.; BARATA, E. R. V.; FREITAS, N. M. da S. Formação de professores e os direitos humanos: interrogando a violência contra a mulher. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 15, p. 1-19, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4519>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NADAI, E. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1993.

PAVAN, R.; TEDESCHI, S. L. Currículo e (de)colonialidade: a potência decolonial em escolas com baixo IDEB. **Revista Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 26, n. 57, p. 253-266, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1538>. Acesso em: 11 set. 2023.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.

PIMENTA, S. G. Professor-pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos**, v. 5, n. 1, p. 09-22, jan/abr 2005. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/802>. Acesso em: 10 ago. 2025.

REIS, J. C. **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 64-92.

SANTOS, L. L. de C. P. Formação do professor e pedagogia crítica. In: FAZENDA, I. C. A. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2012, p. 17-28.

SCHÜTZ, J. A.; FUCHS, C.; DA COSTA, C. O. Universidade, pesquisa e docência: reflexões críticas sobre os abusos do atual governo. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/12530>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SILVA, R. História e ficção. In: **Lugar de dúvidas**. Sobre a prática da análise histórica. Breviário de inseguranças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 19-32.

SILVA, K. A. C. P. C. da; CRUZ, S. P. da S. Projetos em disputa na definição das políticas da formação de professores para a educação básica. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 89-104, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8918>. Acesso em: 13 set. 2023.

SILVA JÚNIOR, A. F. da; SOUSA, J. J. M.; SANTOS, F. A. R. dos. Diferentes fontes e linguagens nas aulas de História e a formação cidadã de jovens estudantes do ensino médio. In: GUIMARÃES, S. (Org.). **Ensino de História e cidadania**. Campinas: Papirus, 2016, p. 253-277.

VIANNA, L. J.

LUCIANO JOSÉ VIANNA: Professor Associado/Livre Docente da Universidade de Pernambuco (UPE)/*campus* Petrolina. Doutor em *Cultures en contacte a la Mediterrània* pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Professor de História Medieval do Colegiado de História da UPE/*campus* Petrolina. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPP) da UPE/*campus* Petrolina. Coordenador do *Spatio Serti* - Grupo de Estudos e Pesquisa em Medievalística.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7355-7609>

E-mail: luciano.vianna@upe.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution* 3.0, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).